

Frei Romano Dellazari, OFM

Leituras Bíblicas de São Francisco de Assis



ICSFA



Fonte: <https://franciscanos.org.br/vidacrista/a-urgencia-do-paz-e-bem-de-sao-francisco-de-assis/#gsc.tab=0>

FREI ROMANO DELLAZARI, OFM

**LEITURAS BÍBLICAS
DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS**

**ICSFA
2021**

PORTO ALEGRE – RS – ICSFA 2021
Província São Francisco de Assis no Brasil
Av. Juca Batista, 330 – B. Ipanema
91770-000 – Porto Alegre – RS
CNPJ: 35.332.968/0001-08

EQUIPE EDITORIAL

Coordenação: Frei João Carlos Karling, OFM, e Frei Arno Frelich, OFM.

Editoração: Frei Arno Frelich, OFM, e Frei João Carlos Karling, OFM.

Revisão: Frei Arno Frelich, OFM.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

D357 Dellazari, Romano

Leituras bíblicas de São Francisco de Assis [recurso eletrônico] /
Romano Dellazari ; coordenação: Frei João Carlos Karling, OFM e Frei Arno
Frelich, OFM ; revisão: Frei Arno Frelich, OFM. – 1. ed. – Porto Alegre:
ICSFA, 2021.

57 p. : il.

Inclui bibliografia.

Dados eletrônicos: 728 Kb.

Modo de acesso:

<<https://www.franciscanos-rs.org.br/ebook-leiturasbiblicasfrancisco.pdf>>

ISBN 978-65-88060-11-7.

1. Francisco, São. 2. Escritura. 3. Sabedoria. 4. Evangelho. 5. Patrística.
6. Contemplação da ação de Deus. I. Karling, João Carlos, Frei OFM
(coord.). II. Frelich, Arno, Frei OFM. III. Frelich, Arno, Frei OFM (rev.).
Título.

CDU 271(O.F.M)

Bibliotecária responsável: Andréa Fontoura da Silva – CRB10/1416

Aprovação
Porto Alegre, 01/06/2021
Frei Marino P. Rhoden, OFM
Ministro provincial – PSFAB

SUMÁRIO

SOBRE O AUTOR	5
ABREVIATURAS	7
INTRODUÇÃO	9
1 LEITURA SAPIENCIAL DA ESCRITURA	15
2 FRANCISCO E A RELEITURA EVANGELICAL DA ESCRITURA	29
3 FRANCISCO E A LEITURA PATRÍSTICA DA ESCRITURA	37
CONCLUSÃO	45
BIBLIOGRAFIA	47



Fonte: <https://www.publicdomainpictures.net/pictures/20000/velka/open-bible-and-crucifix-11290876552hWG.jpg>

SOBRE O AUTOR

Frei Romano Dellazari, padre franciscano, nascido no dia 21/11/1945, em Arroio do Meio – RS. Coursou o ginásial e colegial no Seminário Seráfico S. Francisco de Assis em Taquari – RS. Após cursou a filosofia seminarística em Daltro Filho, Garibaldi – RS, hoje município de Imigrante – RS. Este Curso foi revalidado pela FIDENE, hoje, Unijuí – Ijuí – RS, e Teologia no Seminário Nossa Senhora da Conceição, em Viamão – RS, curso esse também revalidado pela PUCRS. Além disso cursou Licenciatura Curta de Estudos Sociais em Passo Fundo – RS. Coursou ainda o mestrado em Ciências Bíblicas no Pontifício Instituto Bíblico – Roma – Itália. Coursou o doutorado em Teologia, com área de concentração na área bíblica, na Escola Superior de Pós-graduação em São Leopoldo – RS. Fez pós-doutorado na Pontifícia Universidade Antonianum em Roma – Itália. As atividades na vida se resumiram principalmente no magistério:

Seminário Seráfico São Francisco de Assis e Colégio N. Sr. da Conceição em Taquari – RS. nos anos de 1972-1973. Após. professor e diretor da Escola Municipal Santo Antônio – Daltro Filho – Garibaldi – RS, hoje Imigrante – RS, nos anos de 1974 a meados de 1978. Em 1984 iniciou o magistério na PUCRS, por 33 anos e meio, alternadamente como professor de Introdução à Sagrada Escritura, Exegese, Teologia Bíblia, História de Israel, Cultura Religiosa, esta sucedida pelo curso de Humanismo e Cultura Religiosa.

ABREVIATURAS

As citações dos escritos franciscanos são tiradas das FONTES FRANCISCANAS E CLAREANAS, Petrópolis: Vozes, 2004.

As citações da Bíblia, como também as abreviaturas dos livros bíblicos, são feitas de acordo com a BÍBLIA DE JERUSALÉM, São Paulo: Paulus, 2002.

ICel	Primeira vida de Tomás de Celano
Ad	Admoestações
Ant	Carta a Santo Antônio
AT:	Antigo Testamento
C(c)f.	C(c)onferir
Col.	Coleção/Colección
ExL	Exortação ao Louvor de Deus
FrateFra	Frate Francesco
gr.	grego
hb.	hebraico
NT	Novo Testamento
OP	Ofício da Paixão
Ord	Carta a toda a Ordem
Prol.(Pról.):	Prólogo
RB	Regra Bulada
RnB	Regra não Bulada



Fonte: <https://franciscanos.org.br/vidacrista/a-urgencia-do-paz-e-bem-de-sao-francisco-de-assis/#gsc.tab=0>

INTRODUÇÃO

No ano em que celebramos os 800 anos da Regra não Bulada, foi-me solicitado para escrever algo sobre os tipos de leituras que Francisco usava para quando lia a Bíblia.

Já de início sabemos que Francisco, para expor ao Papa a forma de vida que ele e seus companheiros queriam viver, o fez por meio de uma Proto-Regra, que não era mais do que frases evangélicas e algumas outras orientações¹ como o diz Tomás de Celano:

Vendo o bem-aventurado Francisco que o Senhor Deus *a cada dia aumentava* (cf. At 2,47) o seu número, escreveu para si e para seus irmãos presentes e futuros, de maneira simples e com poucas palavras, uma forma e regra de vida, utilizando principalmente palavras do santo Evangelho, a cuja perfeição unicamente aspirava. E inseriu poucas outras coisas que eram absolutamente necessárias para a prática do santo modo de viver².

Ele obteve uma aprovação oral do Papa. Isso aconteceu nos idos de 1209/1210. O texto original, que

¹ Cf. LEMMENS, L. *Testimonia Minora XIII de Francisco Assisiensi*, p. 29.

² 1Cel, 32.

Francisco apresentou ao Papa, acabou se diluindo, nos anos posteriores, naquilo que chamamos de Regra não Bulada. Por isso, não se sabe o que realmente continha essa “primeira” Regra. Mas o que é certo é que ela deu, se assim dá para dizer, o pontapé inicial em um modo de vida baseado no retorno à vivência do evangelho (cf. RnB Prol., 2).

Habitou-se chamar a Regra não Bulada como sendo a primeira Regra. Isso não é exato, visto que esta não tem aprovação papal, enquanto que aquela que se costuma chamar de Segunda Regra ou Regra Definitiva, tem aprovação papal. Foi solenemente aprovada, pelo Papa Honório III, com a bula “*Solet annuere*”, em 29 de novembro de 1223. Esta é de fato a Regra dos Irmãos Menores.

É interessante observar que Durrer, um estudioso do uso da Escritura por Francisco e seus frades, diz que nos opúsculos de Francisco o Antigo Testamento encontra-se mencionado 156 vezes, enquanto que o Novo Testamento,

280 vezes. A Escritura era a garantia da autenticidade de seu modo de vida³.

Além do mais, pode-se perguntar a respeito do conhecimento que Francisco tinha da Escritura, já que era leigo. K. Esser diz que Francisco de Assis “se assessorava do irmão Cesário de Espira, homem instruído na palavra de Deus, que adornava o texto da Regra com as palavras do Evangelho”⁴.

O que é, então, esta Primeira Regra ou Regra não Bulada?

Francisco de Assis e seus companheiros, a partir da aprovação do modo de vida aprovado oralmente pelo Papa Inocêncio III, constantemente viram aumentar o número de seus seguidores. Mesmo que numa perspectiva diferente, mas dentro do contexto da época, existiam os mais diferentes movimentos religiosos que queriam voltar às fontes. De modo geral eles queriam retornar ao modo de vida dos Atos dos Apóstolos e não exatamente aos evangelhos. O movimento franciscano, busca um retorno

³ Cf. DAHAN, Gilbert; DELMAN, Sophie; DURRER, Marcel. *San Francesco e la Bibbia. Letture medievali del testo sacro*, p. 23-56.

⁴ ESSER, K. *Opuscula Santi Patris Francisci Assisiensis*, p. 240.

ao Evangelho. Porém, este modo de vida não se baseou no monaquismo de então, mas numa forma de vida concretamente vivida em fraternidade.

A aprovação oral da Regra provoca o aumento do número de frades. Iniciam-se missões fora da Itália, criando assim novas fundações (Províncias). Isso ia fazendo com que o modo de vida necessitasse de aprofundamentos como também a exigência de novas normas, muitas delas tomadas nos capítulos. Estas normas comunitárias, redigidas por Francisco nos capítulos anuais, ele o fazia “apoiando-se no conselho de pessoas expertas que formulam e promulgam as suas santas leis”⁵. Depois elas eram apresentadas cada vez de novo à Sé Apostólica, para sua correspondente aprovação, como o testemunha o bispo Jaques de Vitry, um historiador do século XIII⁶. Em “1221, acrescentando algumas normas e exortações suas, directrizes emanadas da Santa Sé e sugestões de alguns irmãos com maiores responsabilidades”⁷, Francisco redige uma nova Regra. São

⁵ VITRY, J. In FONTI FRANCESCANE, p. 2208.

⁶ FRANCESCO D’ASSISI. *Scritti*. Edizione crítica a cura di PAOLAZZI, Carlo, p. 234.

⁷ S. FRANCISCO DE ASSIS, Escritos – Biografias – Documentos. FONTES FRANCISCANAS, p. 117.

pedaços de legislações produzidos sucessivamente ao longo daqueles 12, desde a aprovação da Proto-Regra em 1209/10 até então, formando uma composição em vários estratos⁸. Exatamente isso foi o que fez Frei Francisco e o Capítulo Geral de 1221: submeter o texto completo da Regra ao Papa Honório III, que «a concedeu e confirmou», mesmo sem uma bula escrita: daqui vem o nome de Regra não Bulada”⁹. Diríamos, pois, que é uma Regra redigida em mutirão...

Resumindo, pode-se dizer que

a Regra não Bulada, que tem como ponto de partida o encontro decisivo de Francisco com Jesus Cristo, é um texto complexo, vital e fundamental: **complexo** porque é fruto de um processo histórico que se entrecruza, nem plano e nem harmônico, um processo marcado por tensões de todo o tipo; **vital** porque foi oferecido como “forma de vida”; não como um rígido ordenamento jurídico, mas sim, como uma concretização dinâmica do Evangelho; e finalmente a RnB é um texto **fundamental** porque conserva, com uma clareza incontaminada, muitas das intuições originárias, que Francisco entendeu como uma iluminação divina, e que, determinaram uma aventura evangélica e a de seus irmãos;

⁸ Cf. *Ibidem*.

⁹ MOLINA, Bernardo, QUESADA, Marcos, MERCADO, Darío. «*Esta é a vida segundo o Evangelho de Jesus Cristo...*» (*RegNB Pról. 2*): 800 anos da Regra não Bulada», p. 26.

foram intuições, portanto, que também conduziram a fraternidade para sua institucionalização¹⁰.

Entre as diferentes leituras que Francisco faz uso, claro que sem o saber na sua época, três emergem de modo claro:

- a) A leitura sapiencial
- b) A leitura evangelical
- c) A leitura patrística

¹⁰ MOLINA, Bernardo, QUESADA, Marcos, MERCADO, Darío. «*Esta é a vida segundo o Evangelho de Jesus Cristo...*» (*RegNB Pról. 2*): 800 anos da Regra não Bulada, p. 23.

1 LEITURA SAPIENCIAL DA ESCRITURA

Não se pretende fazer um tratado sobre a sabedoria bíblica, mas apenas levantar elementos que ajudem nossa reflexão.

Em primeiro lugar, deve-se dizer que a sabedoria não é um privilégio do judaísmo e da bíblia e muito menos de um livro, o chamado **Livro da Sabedoria**. Ela é encontrada entre todos os povos, mesmo que cada um deles a adapte à sua ideologia ou visão cosmológica, antropológica ou teológica. Se se quiser delimitar na região da origem da bíblia, “ela é um fenômeno intercultural amplamente difundido na Antiguidade, da Mesopotâmia ao Egito, mas também da Grécia a Roma”¹¹. É um saber prático da vida e que visa à prática. “Uma pessoa que sabe muito... ainda não é sábia. E um sábio tampouco precisa ser alguém que sabe muito ou mesmo tudo”¹². A sabedoria é

¹¹ ZENGER, Erich. *Os Livros da Sabedoria*, p. 284.

¹² GÖRG, M. *Weisheit in Israel*. Wurzel, Wege, Wirkungen. 1988, p. 544.

como uma fruta saboreada. Esta começa a fazer parte do todo da pessoa. A fruta não saboreada se deteriora e se perde.

O ponto de partida de toda teologia sapiencial, seja ela uma simples regra de comportamento ou uma máxima ética, é a convicção de uma ligação entre bem e mal colhida da experiência: fazer o bem faz bem para si mesmo e para a comunidade; fazer o mal faz mal para si mesmo e para a comunidade. A sabedoria, portanto, contém uma faceta ética. “O nexa entre ação e resultado pressupõe um saber básico do bem e do mal, e sobretudo um saber das ordens do bem na vida do indivíduo, da família, dos grupos sociais, do estado e dos povos, sim, do cosmo inteiro”¹³.

Por ser uma experiência prática da vida, ou seja, profana, não quer dizer que ela esteja desvinculada de Deus. Diz o texto bíblico: “O temor de Iahweh é o princípio de conhecimento: os estultos desprezam sabedoria e disciplina” (cf. Pr 1,7; 9,10; 15,32; Jó 28,28). Este temor sapiencial não é um medo. Ele pode ser mais ou menos identificado com a religião da piedade para com Deus e leva

¹³ ZENGER, Erich. Os Livros da Sabedoria, p. 284.

a uma relação adequada com Ele. Ela pode ser como que o princípio (cf. Pr 9,10; 15,53; Sl 111,10; Eclo 1,14.20) e coroamento (cf. Eclo 1,18; 19,20; 25,10-11; 40,25-27) de uma sabedoria inteiramente religiosa na qual se desenvolve uma relação pessoal com Deus de forma que, temor e amor, submissão e confiança coincidem (cf. Sl 25,12-14; 112,1; Ecl 12,13; Eclo 1,27-28; 2,7-9.18,18 etc.). Esta sabedoria é um

confiar em Deus como aquele que, não obstante todas as perturbações e perigos, governa tudo e dá sucesso à trajetória da vida das pessoas que buscam as ordens da vida, que agem de acordo com elas e as comunicam adiante... [é] o princípio que conduz para a sabedoria e motiva para a prática do conhecimento sapiencial da vida¹⁴.

Alguns a chamam de “teologia da razão prática”. “A sabedoria experiencial é uma resposta humana ao ambiente, uma tentativa de compreender e lidar com ele”¹⁵. Ela pode ser chamada de cultural, pois o ser humano é convidado a transformar a natureza a seu favor. As intuições da experiência são capturadas em formas concisas, como p. ex., o dito: “O orgulho vem antes da queda” (Pr 16,18; 18,12). Suas lições consistem em observações simples,

¹⁴ Ibidem.

¹⁵ MURPHY, Roland E. Introdução à Literatura Sapiencial, p. 884.

como ainda, de exortações morais. A sabedoria é o oposto do caos. É um “cosmos”. Pode-se ainda dizer:

Por um lado, como mediadora da revelação, já que intervém na sua proclamação assim como um profeta e, como ele, se atribui a máxima autoridade e por outro lado, como revelação da vontade divina com respeito ao homem, já que oferece ao homem a vida e indica que sua aceitação equivale à aceitação da vontade divina¹⁶.

Essa sabedoria, (hb.: *ḥokmā*, gr. *sofia*), criada antes de todas as obras da criação (Pr 8,22-31), revela aos homens a ordem original inerente à criação. “Recebe, portanto, o papel de um princípio divino implantado no mundo, mas que não deixa de ser acessível somente a Deus (Jó 28)”¹⁷. A ela se atribui a criação da terra, o governo do rei, a proteção do povo de Deus, a educação dos homens na virtude, de tal jeito que a sabedoria e o espírito chegam quase a coincidirem.

Aos grandes homens se lhes atribui sabedoria: Salomão, Moisés etc. No NT Lucas diz que “*Jesus crescia em sabedoria, em estatura e em graça, diante de Deus e dos homens*” (Lc 2,52). Isso porque se acreditava que sabedoria

¹⁶ JENNI, E.; WESTERMANN, C., *Diccionario Teologico Manual del Antiguo Testamento I*, p. 788.

¹⁷ COENEN, L., *Diccionario Internacional de Teologia do Novo Testamento IV*, p. 279.

e conhecimento da lei se identificavam (cf. Mc 6,2; Mt 13,54; At 6,3.10). Além do mais, Jesus se identifica com o conceito de sabedoria, quando afirma que a Rainha do Sul que veio dos confins da terra a fim de ouvir a sabedoria de Salomão, e o Evangelho acrescenta: “*E eis aqui está quem é maior que Salomão*” (Mt 12,42 e par.). Essa sabedoria, porém, os homens do tempo de Jesus desprezavam. Isso aparece de forma contundente em 1 Coríntios, afirmando que os homens fecharam suas mentes à sabedoria de Deus e procuram criar sua própria sabedoria¹⁸, ou seja, aquilo que se chamará de sabedoria da carne. Essa passa a ser a sabedoria, *sofia* do mundo helenista, e se torna também um conhecimento que pode ser mercantilizado. Não é por nada que Jesus, em Mateus, diz: “*Te louvo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios [intelectuais] e doutores e as revelaste aos pequenos*” (Mt 11,25).

Francisco faz uso do termo “sabedoria”, também citando textos bíblicos onde aparece o termo “sabedoria”.

¹⁸ Cf. Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento IV, p. 280-281.

A leitura sapiencial que Francisco faz da Escritura, mesmo que perpassasse todos os seus escritos, se encontra principalmente nas Admoestações, mesmo que nem sempre cite a Escritura. A sabedoria bíblica é conhecida como uma leitura prática, experiencial. Francisco igualmente foi um homem profundamente prático, no sentido de oposto ao teórico. Deve-se logo dizer que prático não é sinônimo de superficial. Francisco, nas suas reflexões, sendo elas muito concretas, tinha uma profundidade inigualável, que ia muito além dos grandes teóricos da espiritualidade.

Nas admoestações, Francisco toma uma ou mais sentenças ou máximas bíblicas (cf. Ad 8) e a partir dela(s) faz seu comentário e sua exortação. No AT, o **Livro dos Provérbios** é principalmente um livro que contém sentenças, ditos de todos os tipos, temas etc. São sentenças sapienciais, proverbiais a partir das quais é possível extrair conclusões.

Na Admoestação VII, por ex., a partir de Mt 11,25, como vimos acima, Francisco, comentando Paulo, que diz: “*A letra mata, o espírito, porém, vivifica*” (2Cor 3,6). São mortos pela letra aqueles que desejam apenas o

conhecimento para serem considerados sábios e conseguir adquirir riquezas. É o sábio do mundo helenista. Da mesma forma o são os religiosos que desejam conhecer as palavras, sem seguir o espírito da Escritura, para poderem interpretá-las para os outros. Eles mesmos não se comprometem com o que ensinam. Diz Jesus: “*Fazei e observai tudo quanto vos disserem. Mas não imiteis as suas ações, pois dizem, mas não fazem*” (Mt 23,3). Esta era a preocupação de Francisco quando autorizou Santo Antônio a lecionar teologia aos frades dizendo: “Apraz-me que ensines a sagrada teologia aos irmãos, contanto que, neste estudo, não extingas o espírito (cf. 1Ts 5,19) de oração e devoção”¹⁹. Contrariamente, são vivificados pelo espírito da Escritura aqueles que “não atribuem ao seu eu toda a letra que conhecem e desejam conhecer, mas, pela palavra e pelo exemplo, as retribuem ao altíssimo Senhor Deus, de quem é todo o bem” (Ad VII, 4).

Para Francisco, Deus é o criador de tudo e tudo o mais é criatura de Deus e, portanto, tudo o que se encontra na criação, especialmente no ser humano, é dom de Deus.

¹⁹ Ant, 2.

Todo e qualquer conhecimento descoberto, qualquer novidade científica, portanto, não é propriedade intelectual de quem a descobre. Indo mais longe, porque o ser humano foi criado “à nossa imagem, como nossa semelhança” (Gn 1,26), os dons de Deus estão, de uma ou outra forma presentes no ser humano. Diz o salmista: “*E o fizestes um pouco menos do que um deus*” (Sl 8,6). A sabedoria de Deus se revela por meio do ser humano que investiga.

Para Francisco, olhando sob a perspectiva otimista, percebe que na criação existe toda a ciência e conhecimento e compete ao ser humano descobri-los, porque as qualidades divinas são inerentes ao ser humano. Esta descoberta não pode ser apenas conhecimento intelectual, mas uma forma de penetrar nos mistérios de Deus e da criação. Quando se tira as consequências disso, esse conhecimento se torna sabedoria que ajuda a conviver consigo mesmo, com os outros, com a criação em geral e com Deus. É interessante observar que grandes físicos, e a física é uma das ciências mais materiais que existe, e os grandes místicos se encontram ao fazer uma leitura sapiencial dos mistérios inerentes à criação. Os físicos, por

meio da pesquisa científica, e os místicos, por meio da contemplação. Os místicos, desde tempos imemoriais, deixaram suas memórias escritas, certamente todas reveladas, mas não reconhecidas oficialmente por todas as religiões como reveladas. No mundo judeu-cristão elas se encontram na Escritura. Por caminhos diferentes, cientistas e místicos palmilham a mesma realidade e compartilham seus conhecimentos, fazendo-os transcender para uma existência enriquecedora das riquezas do Criador e da criação. A leitura sapiencial se traduz numa leitura que leva a consequências transformadoras da vida, enquanto que a leitura que leva apenas a conhecimentos teóricos não enriquece o eu pessoal, a própria identidade.

Nas Admoestações pode-se perceber uma releitura sapiencial das Escrituras, pois revelam o mais profundo do ser humano, suas buscas, seus erros e acertos na busca de sua identidade criatural e, portanto, dependente de um Criador.

No ser humano existem as mais diferentes dimensões, pois, como diz Calvino, falando do saltério, se

encontra “*Uma anatomia de Todas as Partes da Alma*”²⁰. Pode-se, no entanto, dizer que isso existe em toda a Bíblia. Alonso Schökel, referindo-se ele também ao saltério, vai dizer que não existe sentimento que de uma ou outra forma não se encontre na bíblia²¹. Uma leitura sapiencial pode revelar isso. A partir daí, pode-se encontrar todas as dimensões do ser humano de uma ou outra forma, expressas na Escritura e que Francisco, de uma ou outra forma, deixa entrever nos seus escritos. Além disso, todas as Admoestações que iniciam com a palavra “Bem-aventurado” ou “feliz”, contêm um profundo senso sapiencial, visto que, em numerosas passagens bíblicas, ela se encontra como sendo uma forma de discernimento sapiencial (cf. Sl 1,1 e outros; Jo 5,17; Mt 5,3ss; Lc 1,41; Jo 13,17; Rm 4,7; Ap 22,14 só para citar alguns). Essa leitura sapiencial da Bíblia perpassa todas as dimensões do ser humano.

- a) **Dimensão física.** Na Ad X Francisco percebe a dimensão física, ou seja, o corpo como inimigo. Francisco, ao falar mal do corpo, dizendo que “a

²⁰ CALVINO, João. *O livro dos Salmos I*, p. 33.

²¹ Cf. ALONSO SCHÖKEL, Luís; CARNITI, Cecília. *Salmos I*, p. 64-65.

carne seja mortificada e desprezada, vil e abjeta”²², não quer dizer que ele esteja criticando a criação. Mas diante do criador, a criatura é como que um nada. Francisco busca uma integração, ou seja, corpo, como criatura de Deus e, portanto, fundamentalmente bom, como elemento de construção do ser humano, pois ele é parte constitutiva do ser humano. Os movimentos religiosos da época chegavam a incentivar o pecado como meio para poder aproveitar-se mais abundantemente das graças da redenção.

- b) **Dimensão cósmica.** Vive-se num universo em que se procura ainda conhecê-lo, tanto em seu macrocosmo como em seu microcosmo. Para Francisco tudo é criatura de um mesmo Pai. Isso o leva a concluir por uma irmanação universal. Essa irmanação universal leva a ver cada criatura como tendo seu lugar e seu sentido dentro da criação e, portanto, não como objeto de posse, de interesses pessoais, mas como revelação dos mistérios de Deus e como reveladoras de facetas de Deus etc. Isso leva a uma leitura sapiencial ecológica da Escritura tão necessária em nossos dias. Pode-se apenas recordar o grande número de frades cientistas dos primeiros tempos da Ordem.
- c) **Uma leitura econômica.** Um dos conselhos evangélico, segundo a Regra não Bulada, é “viver ... sem propriedade”²³. Esta forma de viver

²² RnB 17,14.

²³ RnB I,1.

economicamente a vida não tem nada a ver com bens materiais que se possua ou que se possa ou não usar. É uma atitude do coração que reconhece que todo o bem que existe em cada criatura provém de Deus e a ele deve ser restituído. Não se tem o direito de apropriar-se dele e muito menos, a partir dele, ter uma postura consumista²⁴.

- d) **Dimensão histórica.** Francisco tinha consciência de que era um homem do seu tempo. A questão não era trazer o modo de ser e agir das comunidades dos Atos dos Apóstolos para seu tempo, mas trazer a vivência da Sabedoria bíblica, entre as quais, a evangélica, para seu tempo. Ele não podia ser um anacronista.
- e) **Dimensão social.** Uma leitura sapiencial da Escritura leva também a conclusões sociais. Isso ajudou a Francisco descobrir a minoridade. Um dos elementos mais importantes da minoridade para Francisco é o penitencial, ou seja, uma mudança de vida, uma conversão. Ela vai muito além de um comportamento ascético individualista, mas leva ao reconhecimento e à redescoberta de Cristo na pessoa de cada ser humano (cf. Ad XIV, XVIII,1)²⁵.
- f) **Dimensão psicológica.** Francisco conhecia muito bem os meandros sutis do ser humano e suas tendências. Ele, do seu jeito, interpreta as bem-aventuranças evangélicas. Na Ad XIII, falando dos

²⁴ Cf. Ad XVIII, 2

²⁵ Cf. URIBE, F. *Núcleos del carisma de san Francisco de Asís*. La identidad franciscana, p. 285.

pacíficos, ele ressalta a humildade e a paciência. A Ad XIV fala dos *pobres de espírito*, ou seja, daqueles que não se escandalizam e não se perturbam por palavras e injúrias dirigidas a eles. Francisco louva os pacíficos (Ad XV) que, apesar de perseguições e sofrimentos que passam, conservam a paz no corpo e na alma. Francisco ainda fala da pureza de coração (Ad XVI) da humildade (Ad XVII; XXIII), do ser compassivo (Ad XVIII) etc.

- g) Dimensão espiritual.** Mesmo que se aceite no ser humano uma dimensão não material, ou seja, espiritual, a UNESCO recorda isso, ela não é necessariamente vista em sua dimensão religiosa ou em relação a um criador. Ela pode não ser teológica. Para Francisco, no ser humano existe uma dimensão profundamente espiritual e que leva à transcendência. Ele busca reforçar esta dimensão o mais profundamente possível. No caso de Francisco, ele acentua a necessidade de unir-se a Deus e, por meio da oração, estar constantemente em contato com Ele por meio da contemplação.

O que foi visto até agora visa trazer alguns elementos, muito resumidamente, para a compreensão de uma leitura sapiencial, ou seja, transformadora feita por Francisco da Escritura.



Fonte: <https://www.publicdomainpictures.net/pictures/20000/velka/open-bible-and-crucifix-11290876552hWG.jpg>

2 FRANCISCO E A RELEITURA EVANGELICAL DA ESCRITURA

Francisco fazia uma leitura dos Evangelhos de um jeito todo próprio. Entre grupos evangélicos não católicos a leitura de Francisco é conhecida como uma leitura e uma hermenêutica evangelical.

O interessante é que, Francisco querendo viver segundo o Evangelho, a Cúria romana de então achava que isso seria impossível. Francisco teve quem o defendesse em sua proposta: o abade beneditino do mosteiro de São Paulo *extra muros*.

O descobrimento e sua peculiar compreensão do Evangelho deixaram um marco histórico na história da humanidade que muito bem poderia ter repercussões no momento presente, com a condição de que seus herdeiros o saibam redescobrir, assimilar e reinterpretar²⁶.

O Evangelho vai se tornar, após o contato de Francisco com o Crucificado, o ponto de partida para seu

²⁶ Id. p. 185.

programa de vida: “*viver segundo a forma do santo Evangelho*”. Ele escreve em seu Testamento:

E depois que o Senhor me deu irmãos, ninguém me mostrou o que deveria fazer, mas o Altíssimo mesmo me revelou que eu deveria viver segundo a forma do santo Evangelho. E eu o fiz escrever com poucas palavras e de modo simples, e o senhor papa mo confirmou²⁷.

O Evangelho passa a ser o referencial do modo de vida de Francisco. E ele, aos que o queriam seguir não apresenta a experiência que ele próprio tinha feito até então, mas junto com eles abria simplesmente o Evangelho e viviam segundo o que liam no texto. Ao que parece esta era uma práxis de então. Este costume acompanhou permanentemente a experiência de fé do Pobrezinho, como o demonstram as orações que ele nos legou. Ele constantemente introduzia seus escritos com a expressão “como diz o Senhor no Evangelho”²⁸. O Evangelho passou a ser o norte do modo de vida da nova fraternidade: “A Regra e vida dos Frades Menores é esta: observar o

²⁷ Test 14-15.

²⁸ Cf. por exemplo, Ad 3,1; 1Fi 2,12; 2Fi 18.37.69; 1Fr 7; RB 2,14; RnB 2,14; 5,10; 16,8; 22,6.10.

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, vivendo em obediência, sem propriedade e em castidade”²⁹.

A observância da Regra vem do verbo latino *observare*. É uma palavra composta pelo prefixo *ob* e o verbo *servare* que significa guardar, conservar, manter-se fiel, conservar intato etc., mas realçado, reforçado pelo prefixo *ob*.

A observância do Evangelho não é um culto à Letra do Evangelho, pois Francisco nunca fala da observância literal (*ad litteram*), mas profundamente espiritual (*spiritualiter et pure*), como o deixa claro que para ele

o essencial não consistia tanto no respeitar literalmente suas prescrições, como na exigência de uma coerência pessoal integral, ou seja, não permanecer firme nas palavras, mesmo que fossem sublimes, mas deixar-se envolver por elas para comprometer-se no caminho que elas abrem. O objetivo era fazer coincidir o interior com o exterior, ou seja, a atitude frente à palavra, com a finalidade de conseguir ser perfeitamente conformes a Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem³⁰.

²⁹ RB 1,2. Várias das reflexões que seguem são adaptações de textos já publicados na *La Regla de San Francisco. Letra y espíritu*, 54ss; 110ss em “Obediencia y autoridad en la Regla de san Francisco”, *SelFran* 37 (2008) [163-193] 165-165. (Cit. in URIBE, F. *Núcleos del carisma de san Francisco de Asís*. La identidad franciscana, p. 188).

³⁰ A. VAUCHEZ, “Francesco d’Assisi e il Vangelo tra lettera e Spirito”, 332. (Cit. in URIBE, F. *Núcleos del carisma de san Francisco de Asís*. La identidad franciscana, p. 195).

Dizem Molina, Quesada e Mercado: “O princípio que alimenta, e o substrato que sustenta e constrói o pensamento de Francisco, com relação ao Reino de Deus, é a Sagrada Escritura”³¹. E como anteriormente já fora dito, isso só se constrói concretamente na experiência vivida em fraternidade³², no relacionamento interpessoal onde são colocados os dons a serviço do Reino como também se busca corrigir, espelhado no Evangelho, as individualidades centralizadoras e perturbadoras da vida fraterna e, em suma, do Reino. Aí o Reino de Deus encontra seu chão, sua concretude. Isso levou Francisco a ler o Evangelho como que sendo a espinha dorsal da experiência cristã. Essa experiência de Francisco com o Cristo do Evangelho não o levou a uma experiência intimista da fé cristã, mas porque é uma experiência da concretização do Reino de Deus, o levou a uma vivência do Evangelho em fraternidade dentro de uma comunidade maior, a Igreja, e porque não dizer, no mundo ou ainda, no cosmos. A Letra

³¹ MOLINA, Bernardo; QUESADA, Marcos; MERCADO, Darío. «*Esta é a vida segundo o Evangelho de Jesus Cristo...*» (RegNB Pról. 2): 800 anos da Regra não Bulada, p. 29.

³² Cf. Papa Francisco, *Fratelli Tutti*.

do Evangelho, junto com a vivência em fraternidade passam a ser a espinha dorsal na nova comunidade. Ela não deve apenas ser conhecida, mas vivida, ou seja, seguida, pois o próprio Jesus a tinha vivido e em fraternidade, ou seja, na comunidade dos Apóstolos. Ele mesmo afirma sobre a Palavra, o Antigo Testamento que era o que existia no seu tempo: “*Não penseis que vim revogar a Lei e os Profetas. Não vim revogá-los, mas dar-lhes pleno cumprimento*” (Mt 5,17).

Outro aspecto importante que se deve levar em consideração é que Francisco, ao escutar a Palavra, não fazia dela uma única inspiração, mas se assessorava das mediações, humanas, ou seja, de leituras, conselhos, a experiência vivida pelos frades ou outros etc. Para Francisco a fraternidade ouvinte da Palavra não era uma fraternidade de cenobitas ou ermitões obedientes ao um superior, mas era uma fraternidade obediente (*ob-audire*) à Palavra, ou seja, que se deixava envolver pela Palavra, se inclinava diante dela e tentava segui-la, como ele diz: “*Inclinai o ouvido* (Is 55,3) *de vosso coração e obedecei à voz do Filho de Deus. Guardai em todo o vosso coração os*

seus mandamentos e cumpra os seus conselhos com a mente perfeita”³³. A obediência para Francisco era um estar em sintonia com a Palavra, deixar que ela ressoasse dentro de cada um, que ecoasse para fora de cada um, criando uma intercomunicação na fraternidade, na Igreja, no mundo, no cosmos. Para Francisco, a fraternidade é muito maior do que a comunidade cenobita, visto que a comunidade cenobita tinha um local (*stabilitas loci*). Para Francisco, o “convento” era o mundo, e a “Regra” era a obediência (seguimento) ao Evangelho.

Um outro aspecto do seguimento como obediência “consiste em escutar e acentuar a coerência com que se escutou. Segundo isto, a obediência tem a função de fazer passar a vontade de Deus à vida do cristão”³⁴. Indo mais adiante pode-se dizer que:

O Evangelho é o ponto constante de referência para os projetos de vida e de serviço, para as atividades que cada um desenvolve normalmente, etc. Neste ponto vale a pena perguntar-se se na realidade é o Evangelho o guia ou o são outras motivações sutilmente presentes no coração, como os

³³ Ord 6-7.

³⁴ URIBE, F. *Núcleos del carisma de san Francisco de Asís*. La identidade franciscana, p. 206.

modismos teológicos ou pastorais, o desejo de êxito, certos caprichos ou interesses econômicos³⁵.

Francisco esteve sempre atento ao fato dos meandros da vida que podiam levar a uma escuta do Evangelho para instrumentalizá-lo de acordo com interesses. As motivações escusas aparecem a todo momento. A escuta pessoal e fraterna deve estar sempre presente, pois elas são igualmente importantes visto que uma enriquece a outra e se exigem mutuamente. Quando se privilegia somente uma, corre-se o risco de desfigurar a vida franciscana.

³⁵ Ibidem.



Fonte: <https://franciscanos.org.br/vidacrista/a-urgencia-do-paz-e-bem-de-sao-francisco-de-assis/#gsc.tab=0>

3 FRANCISCO E A LEITURA PATRÍSTICA DA ESCRITURA

Sabe-se que a Bíblia se presta para provar muita coisa. Basta ter uma ideologia ou filosofia, pinçar citações e, fora do contexto, fazer com que elas digam o que se quer dizer ou o que se quer provar. Caso típico desse tipo de leitura o fizeram Ario e Sto. Atanásio. A Escritura se prestou para oferecer argumentos para ambas as partes: a ariana e atanasiana³⁶.

Os Padres da Igreja fizeram muito uso desta forma de uso da Escritura. O Novo Testamento também fazia esse tipo de leitura, usando o Antigo Testamento para confirmar que o que estava sendo escrito, ou seja, a concretização do AT no NT. Os Padres da Igreja, já que não existia teologia sistemática, um instrumento para catequese e verdades definidas, usavam a Escritura, citando textos a esmo para

³⁶ Cf. DELLAZARI, Romano. Provérbios 8,22 e Colossenses 1,15b. A exegese de Ario e Atanásio. Proposta para uma crítica, p. 51ss.

fundamentar seus ensinamentos. E sempre dava certo. Os heresiarcas faziam o mesmo, mas para provar suas ideologias ou filosofias. E o conseguiam. Dentro do contexto patrístico pode-se chamar esse tipo de leitura da Escritura de leitura patrística.

Francisco de Assis, lendo seus opúsculos, percebe-se que ele faz largo uso deste método de leitura da Escritura. No nosso caso mais específico, percebe-se isso logo no início da Regra não Bulada.

São Francisco tinha um objetivo, segundo a RnB, especialmente 1,1, porém em seguida iluminado por textos da Escritura:

¹A Regra e vida destes irmãos é esta: viver em obediência, em castidade e sem propriedade e *seguir* a doutrina e as *pegadas* (cf. 1Pd 2,21) de Nosso Senhor Jesus Cristo que diz: ²*Se queres ser perfeito, vai* (Mt 19,21) *e vende tudo* (cf. Lc 18,22) *que tens e dá aos pobres e terás um tesouro no céu e vem e segue-me* (Mt 19,21). ⁴E também: *Se alguém quer vir a mim e não odeia pai e mãe e esposa e filhos e irmãos e irmãs e até mesmo sua vida, não pode ser meu discípulo* (Lc 14,26). ⁵E ainda: *Todo aquele que deixar pai ou mãe, irmãos ou irmãs, esposa ou filhos, casas ou campos por causa de mi receberá o cêntuplo e possuirá a vida eterna* (cf. Mt 19,29; Mc 10,29; Lc 18,29)³⁷.

Só aí encontram-se nove citações das Escrituras de autores bíblicos diferentes. Estão totalmente misturadas e

³⁷ RnB 1,1-5.

sem preocupação com o contexto dentro da Escritura, mas apenas com o objetivo de fundamentar um objetivo, uma opção. A partir de novas situações conflitantes ou novos jeitos de ser franciscano, que vão surgindo para vida da fraternidade, ele pinça textos para propor pistas para soluções. Um caso interessante é o da RnB XVI,10-21, onde existem 19 citações da Escritura. O texto aborda algo novo no contexto da Igreja de então. Na Europa de então acontece uma mudança ou um novo paradigma. O surgimento dos burgueses, ou seja, uma nova classe social que rivalizava em riqueza com a nobreza. Neste novo mundo os mercadores iam pelo mundo afora, fazendo seus negócios. A *stabilitas loci* que existia até ao redor do ano 1000 d.C., não só para os monges, especialmente beneditinos, mas também para o povo em geral, começa a mudar. Os burgueses são transnacionais nos seus negócios. Os deslocamentos de pessoas ou grupos, para novos lugares, leva ao surgimento de novos modelos de ser Igreja e de vida consagrada. As Ordens mendicantes surgem especialmente para acompanhar este novo modelo de vida. O conhecimento de novas culturas e religiões, muçulmanos

ou outras, provoca uma mudança de mentalidade frente a tudo isso. Normalmente, no ambiente religioso, isso coloca certos grupos na defensiva. Dentro dessas novas formas de vida religiosa encontra-se Francisco. Francisco não vai ao ataque, mas quer preparar a fraternidade para um modo de convivência no meio desta nova realidade: “*Não peço que os tirs do mundo, mas que os guardes do Maligno [preserves do mal, cf. Mt 6,13]*” (Jo 17,15). Diz o texto da RnB:

¹⁰E todos os irmãos, onde quer que estiverem, se recordem de que se doaram e entregaram seus corpos ao Senhor Jesus Cristo. ¹¹E por amor dele devem expor-se aos inimigos, tanto aos visíveis quanto aos invisíveis, porque diz o Senhor: *Quem perder a sua vida por causa de mim, salvá-la-á* (cf. Lc 9,24) *para a vida eterna* (Mt 25,46). ¹²*Bem-aventurados os que padecem perseguição por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus* (Mt 5,10). ¹³*Se me perseguiram, perseguirão também a vós* (Jo, 15,20). ¹⁴E: *Se vos perseguirem em uma cidade, fugi para outra* (cf. Mt 10,23). ¹⁵*Bem-aventurados sois* (Mt 5,11), *quando os homens vos odiarem* (Lc 6,2) *e vos maldisserem* (Mt 5,11) *e vos perseguirem e vos excluírem e vituperarem e proscreverem o vosso nome como mau* (Lc 6,22) *e quando, mentindo, disserem todo mal contra vós por causa de mim* (Mt 5,11). ¹⁶*Alegrai-vos naquele dia e exultai* (Lc 6,23), *porque grande é no céu a vossa recompensa* (cf. Mt 5,12). ¹⁷E eu vos digo, meus amigos, não temais por estas coisas (Lc 12,4), ¹⁸*e não temais aqueles que matam o corpo* (Mt 10,28) *e depois disso não têm mais nada que fazer* (Lc 12,4). ¹⁹*Estai atentos para não vos perturbar* (Mt 24,6). ²⁰*Pois em vossa paciência possuireis as vossas almas* (Lc 21,19), ²¹e

aquele que perseverar até o fim, este será salvo (Mt 10,22; 24,13)³⁸.

Na exortação encontrada no capítulo XXI da RnB dirigida a todos os irmãos, não importa se letrados ou iletrados, existe uma exortação em forma de canto que todos podiam fazer evangelizando. Francisco escreve:

²Temei e honrai, louvai e bendizer, *rendeí graças* (1Ts 5,18) e adorai o Senhor Deus onipotente na Trindade e na Unidade, *Pai e Filho e Espírito Santo* (cf. Mt 28,19), Criador de todas as coisas. ³*Fazei penitência* (cf. Mt 3,2), *produzi dignos frutos de penitência* (Lc 3,8). ⁵*Perdoai, e ser-vos-á perdoado* (cf. Lc 6,37). ⁶*E se não perdoardes aos homens os seus pecados* (Mt 6,14), o Senhor *não vos perdoará vossos pecados* (Mc 11,25); *confessai todos os vossos pecados* (cf. Tg 5,16). ⁷*Bem-aventurados os que morrerem* (cf. Ap 14,13) na penitência, porque estarão no reino dos céus. ⁸*Ai daqueles que não morrerem na penitência, porque serão filhos do demônio* (1Jo 3,10), cujas obras realizam (cf. Jo 8,41) e *irão para o fogo eterno* (Mt 18,8; 25,41)³⁹.

Em sete versículos da RnB encontram-se treze referências às escrituras. O interessante é observar que qualquer frade estava convidado a cantar essa admoestação em qualquer ambiente em que se encontrasse. É um novo modo de estar no mundo. Neste modelo os frades eram

³⁸ RnB XVI,10-21.

³⁹ RnB XXI, 2-8.

itinerantes, ou seja, uma “Igreja em saída” após séculos de semi-reclusão.

A pergunta que se levanta é: Como agir? O que propor como ensinamento para ter uma referência segura? Francisco ilumina o modo de fazer por meio de referências às Escrituras, atualizando-as para o novo momento histórico. E o faz por referências avulsas da Escritura, fora do contexto, ajuntando referência à referência. É, se se pode dizer, um verdadeiro balaio de retalhos...

Na grande admoestação, ou seja, o capítulo vinte e dois da RnB, encontram-se sessenta e nove referências à Escritura. Isso tudo vem mostrar a importância que Francisco dava à Escritura, ao propor aos Frades o novo modo de vida dentro de um novo mundo, que estava se formando e cheio de ideologias.

Além do mais, como muitos queriam seguir o modo de Francisco de viver o Santo Evangelho, ele escreve as Cartas aos fiéis. A **Segunda Carta**, de modo especial, é um mosaico de referências à Escritura. E não se pode ignorar dois textos que também são um verdadeiro mosaico de

textos da Escritura, ou seja, a **Exortação ao Louvor de Deus**⁴⁰ e o **Ofício da Paixão do Senhor**⁴¹.

Esses exemplos são suficientes para mostrar o quanto, nos opúsculos de Francisco, a Escritura encontrava lugar e a forma como ele a citava.

⁴⁰ ExL. *Fontes Franciscanas e Clarianas*. Petrópolis: Vozes, p. 126-127.

⁴¹ OP. Idem, p. 141-157.



Fonte: <https://www.publicdomainpictures.net/pictures/20000/velka/open-bible-and-crucifix-11290876552hWG.jpg>

CONCLUSÃO

O projeto de Francisco de renovação da Igreja, no seu tempo, foi um projeto de retorno às Escrituras, mas já reinterpretadas para seu tempo, e segundo o método dos Santos Padres, que o faziam para seu tempo. A Escritura era, respeitadas as normas de interpretação da Igreja (cf. 2Pd 1,20)⁴², o norte para todo *modus vivendi*, tanto da Ordem como dos cristãos em geral, dentro do projeto missionário de então e tentando seguir o mandato evangélico que diz: “*Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinando-as a observar*

⁴² «Tudo quanto diz respeito à interpretação da Escritura está sujeito ao juízo último da Igreja, que tem o mandato divino e o ministério de guardar e interpretar a palavra de Deus» (DV. 12). “A interpretação das Sagradas Escrituras não pode ser unicamente um esforço científico individual, mas deve ser sempre confrontada, inserida e corroborada pela tradição viva da Igreja. Esta norma é decisiva para esclarecer a relação correcta e recíproca entre a exegese e o Magistério da Igreja”. Esta afirmação está dentro do contexto de uma crítica à interpretação subjetiva da Escritura. **Papa Francisco: DISCURSO AOS MEMBROS DA PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. Sexta-feira, 12 de abril de 2013.**

tudo quanto vos ordenei” (Mt 28,19-20), faz com que o franciscanismo nasça essencialmente missionário⁴³.

⁴³ “A missão não é um elemento acrescentado ao carisma franciscano, mas está inscrita na sua certidão de nascimento”. ORDEM DOS FRADES MENORES. SECRETARIADO GERAL PARA AS MISSÕES E A EVANGELIZAÇÃO. *O Reino de Deus está próximo*, p. 10.

BIBLIOGRAFIA

ALONSO SCHÖKEL, Luís; CARNITI, Cecília. *Salmos I*. São Paulo: Paulinas, 1988.

CALVINO, João. *O livro dos Salmos I*. S. Paulo: Paracletos, 1999.

COENEN, Lothar. *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento IV*. São Paulo: Ed. Vida Nova, 1989.

DAHAN, Gilbert; DELMAN, Sophie; DURRER, Marcel. *San Francesco e la Bibbia. Letture medievali del testo sacro*. EBD, 2018.

DELLAZARI, Romano. Provérbios 8,22 e Colossenses 1,15b. A exegese de Ario e Atanásio. Proposta para uma crítica. In *Teocomunicação* 17 (78), 1987. Porto Alegre

ESSER, K. *Opuscula Santi Patris Francisci Assisiensis*. Grottaferrata (Roma), Collegii S. Bonaventurae Ad Claras Aquas, 1978.

FONTES FRANCISCANAS E CLARIANAS. Petrópolis: Vozes, 2004.

FONTI FRANCESCANI (Nuova Edizioni), a cura di CAROLI, Ernesto. Padova, Editrice Francescane, 2004.

FRANCESCO DE ASSIS. *Scritti*. Edizione crítica a cura di PAOLAZZI, Carlo. Grottaferrata (Roma): Collegii S. Bonaventurae ad Claras Aquas, 2009.

GÖRG, M. *Weisheit in Israel*. Wurzel, Wege, Wirkungen. 1988. Col.: KatBl 113.

JENNI, E.; WESTERMANN, C. *Diccionario Teologico Manual del Antiguo Testamento I*. Madrid: Cristiand, 1978.

LEMMENS, Leonardus. *Testimonia Minora XIII de Francisco Assisiensi*, Quaracchi, 1926, p. 29.

MOLINA, Bernardo; QUESEDA, Marcos; MERCADO, Darío. «*Esta é a vida segundo o Evangelho de Jesus Cristo...*» (RegNB Pról. 2): *800 anos da Regra não Bulada*. Porto Alegre: ICSFA; CFFB, 2021. Disponível em <<https://www.franciscanos-rs.org.br/ebook-regranb800anos>>

MURPHY, Roland E. Introdução à Literatura Sapiencial. In BROWN, Raymond E. e outros. *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo. Antigo Testamento*. São Paulo: Academia cristã; Paulus, 2007.

Papa Francisco. *Fratelli Tutti*.

S. FRANCISCO DE ASSIS, Escritos – Biografias – Documentos. FONTES FRANCISCANAS. Editorial Franciscana: Braga, 1982.

URIBE, F. *Núcleos del carisma de san Francisco de Asís*. La identidade franciscana. Arantzazu (Guipuscoa), 2017. Col.: Hermano Francisco, nº 65.

VAUCHEZ, A. “Francesco d’Assisi e il Vangelo tra lettera e Spirito”, *Fratefra* 74 (2008) [325-338].

ZENGER, Erich. Os Livros da Sabedoria. In ZENGER, Erich e outros. *Introdução ao Antigo Testamento*. S. Paulo: Loyola, 2003. Col.: Bíblia Loyola 36

ISBN: 978-65-88060-11-7

79



9 786588 060117